



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: um debate através do cinema

*Raquel Cristina Coelho¹ (UFF) - quelccoelho@gmail.com
Susanna Fernandes Lima² (UERJ) - susannaflima@gmail.com*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel do professor de história e sua atuação em sala de aula como professor e pesquisador, partindo de uma mudança de fontes historiográficas. Sendo assim, a presente pesquisa busca trabalhar com o cinema em sala de aula, em uma busca pela compreensão e análise dos componentes das narrativas históricas e das narrativas cinematográficas, tendo por base filmes de animação sobre a África. Os filmes selecionados foram apresentados para alunos do 3º ano do Ensino Fundamental do ciclo de alfabetização. Entre os temas pesquisados estão: o papel da narrativa, partindo da subjetividade da escrita e a questão da aplicação da legislação vigente sobre o ensino de história da África. Ao mesmo tempo que é necessário compreender a história do cinema e sua inserção como material de análise para historiadores. Sendo assim, a relação cinema e história precede uma busca por interpretação das várias formas de narrativas, o que diretamente está ligada a temporalidade, ou seja, a influência do presente na escrita tanto da narrativa histórica quanto da cinematográfica. O estudo não deixa de lado o papel do professor de história e seu trabalho com filmes em sala de aula, e busca expor as principais questões que devem ser levantadas na escolha de uma obra cinematográfica e a trajetória do cinema educativo no Brasil e a influência do cinema no olhar infantil sobre determinados temas, nesse debate existe também a necessidade de trabalhar os textos disponíveis sobre a história da África em sala de aula. Por ser um estudo que traz para o debate o cinema e sua relação com a história e voltado para um público infantil há a necessidade de compreensão de como a mudança na legislação colaborou para que tais tecnologias e debates fossem inseridos no contexto escolar, assim como a busca do professor por novos campos de pesquisa.

Palavras-chave: Professor. Cinema. África.

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre educação é sempre um momento difícil, pois não há como fazê-lo de maneira neutra, mesmo quando estamos trabalhando com um texto acadêmico, neste caso em

¹ Mestranda em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista CAPES.

² Mestranda em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

um artigo, pois estamos trabalhando como a nossa prática e todas as especificidades que são inerentes a ela. Começar um texto é antes de tudo uma autoanálise, assim como requer um debate sobre: currículo e as transformações que a disciplina História vem passando ao longo dos anos.

Um dos desafios que está em debate há algum tempo é a formação do professor, muito se pensou, produziu e se debateu sobre aspectos como os avanços tecnológicos e sua utilização no contexto escolar, o trabalho administrativo (gestão), muitas vezes aliado às reformas estruturais na educação, mas ao final de todo o processo o foco voltou-se para a formação do professor. Porém, como vem sendo conduzido o debate sobre a formação dos professores é algo que gera críticas e debates. Creio que a crítica feita por Nóvoa ao discurso que se apresenta sobre a formação dos professores e como ele vem sendo gerenciado é de extrema importância para todos nós que estamos atuando na área da educação:

Esse consenso discursivo, bastante redundante e palavroso, para qual todos contribuimos foi-se tornando dominante. [...] Três grandes grupos contribuíram para produzir e vulgarizar esse discurso: o primeiro grupo inclui os investigadores da área de formação de professores, das ciências da educação e das didáticas, redes institucionais e grupos de trabalho diversos; o segundo grupo é composto pelos especialistas que atuam como consultores ou que fazem parte das grandes organizações internacionais (OCDE, União Europeia etc.); finalmente, o terceiro grupo é constituído pela chamada indústria do ensino (livros, materiais, tecnologias etc.) que teve um desenvolvimento sem precedentes nos últimos anos. (NÓVOA, 2011, p. 534)

Ao colocar em destaque esses três grupos o próprio autor deixa claro que esse discurso acabou por desvalorizar o papel do professor, pois se falou e fala-se muito da prática do professor, são muitas as teorias, mas não se tem a fala do profissional, os professores não são consultados, não há diálogo entre professores e teóricos, essa interação entre escola e universidades ainda não ocorreu.

Os professores são analisados, julgados e recebem um veredito: culpados, sem ter o direito à defesa. Sendo assim, creio que um diálogo com Esteban e Zaccur expõe uma realidade presente na educação e nos faz entender melhor o que acontece:

Quem vive o cotidiano da escola não se reconhece no texto teórico, sentindo-se negado; quem teoriza precisa estar atento para não se abstrair da realidade da escola, exorcizando o que possa tumultuar a racionalidade do constructo teórico elaborado. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 14)



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

É dentro desse contexto que o Mestrado Profissional em História cria uma nova perspectiva dialogando não só com a academia, mas também com os professores e suas práticas, suas ideias, seus temores e sua produção intelectual, ou como coloca Nóvoa:

Defendo, por isso a necessidade de construir políticas que reforcem os professores, os seus saberes e os seus campos de atuação, que valorizem as culturas docentes, e que não transformem os professores numa profissão dominada por universitários, pelos peritos ou pela indústria do ensino. (NÓVOA, 2011, p. 535)

Nesse sentido, pensar o professor como um intelectual pode ser um exercício de retomada de posicionamento do professor frente aos acontecimentos da educação nacional, vide as discussões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ou sobre o movimento Escola Sem Partido, que estão trazendo os professores para o debate, assim como o crescimento dos cursos de Mestrado Profissional³ na área da educação.

Tudo isso nos leva a pensar no conceito construído historicamente sobre as disciplinas, conceito esse que como coloca André Chervel é recente, mas "Uma 'disciplina', é igualmente para nós, [...] um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar métodos e regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte." (CHERVEL, 1990, p. 5), mas a partir desse termo a discussão do autor nos leva a ver que na prática escolar não há como colocar a disciplina como algo rígido ou sem interferência.

A escola acaba sendo o local de onde há a interação entre o saber científico-acadêmico com a cultura, não só a cultura do professor como também do aluno. É no ambiente escolar que reside um grande espaço de pesquisa, de indagações e que devem ser aproveitados e resgatados.

E quando adentramos nos temas abordados pela disciplina de História nos deparamos com as inúmeras transformações que foram ocorrendo com o passar do tempo e, no que diz respeito à metodologia de ensino, novas tecnologias e fontes de pesquisa surgiram como o acesso virtual às revistas, museus, documentários, filmes etc. Toda essa mudança que desperta o interesse não só dos alunos, mas também dos professores nos faz repensar o papel do profissional e as novas possibilidades de interagir e agir diante do pensar a educação, no nosso caso específico a Educação Básica Nacional.

³ A relação dos cursos oferecidos até o momento pode ser acessada em: <http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/proeb>. Acesso em : 16 de mar. 2019.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

E é nesta perspectiva de trabalhar com as inovações que foram surgindo na disciplina História que o uso do cinema em sala de aula acabou se tornando o tema de pesquisa no mestrado, pois o interesse surgiu a partir de relatos de colegas e também da prática com as turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º), porém neste artigo o trabalho de pesquisa está voltado para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

2 O USO DO CINEMA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: o começo

É necessário fazer um resumo de como se deu, no Brasil, essa relação entre cinema e educação, observando as mudanças que ocorreram no decorrer do tempo e os interesses que levaram à utilização do cinema, interesse que até hoje se mantém, não só no que diz respeito à exibição de filmes de outras nacionalidades, mas quanto a exibição da produção nacional presente na própria LDB 9.394/96⁴.

No Brasil a possibilidade de utilizar os filmes em sala de aula foi analisada no período do Estado Novo (Era Vargas), tendo em vista que o cinema já estava em interação com o público. Uma ideia que não estava surgindo no Brasil, mas que já havia sido pensada como recurso pedagógico em outros países como a França (1910), no Congresso Internacional de Educação, em Bruxelas, quando o uso do cinema foi discutido. Com foco nessa linha de pensamento, o cinema nacional voltou sua produção para os cinejornais e documentários e para a necessidade de um cinema educativo no Brasil, tendo na figura do professor Jonathas Serrano um defensor desse tipo de produção.

Só que a realidade brasileira não permitiu, em um primeiro momento, a estruturação desse projeto por vários motivos técnicos e financeiros, pois seria necessário comprar equipamentos e dar treinamento aos professores, para tal a exemplo do que aconteceu nos

⁴ Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) [...]

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (Incluído pela Lei nº 13.006, de 2014)

Conteúdo disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 08 de agos. 2018.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Estados Unidos e na Itália, era preciso a participação do Estado, o que aqui só ocorreu pouco tempo depois.

Para que o cinema educativo acontecesse no Brasil o Estado deveria intervir e sendo assim o cinema acabou servindo “[...] aos propósitos do Estado, notadamente à integração nacional, à centralização da ação governamental e a difusão da ideologia nacionalista” (LEITE, 2005, p. 38).

O desejo do Estado em propagar seus ideais e a utilização do cinema como instrumento pedagógico, permitiu que a aproximação e sua interferência fossem reais. Educadores e também cineastas aderiram à ideia de ter o Estado como aliado, ter o Estado como mecenas. Entre esses nomes está o de Humberto Mauro que fez parte do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) fundado em 1936, mas a relação entre estado e cinema começou bem antes, em 1932 quando da implementação da lei de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais, que contribuiu para a produção de cinejornais e documentários.

A produção do INCE foi intensa, mas sempre aliada às ideias do Estado. Esses filmes educacionais tinham temas variados e todo processo era feito pelo próprio Instituto. Porém, depois de 1937, o cinema passou a ser utilizado como máquina de propaganda política do Estado Novo e esteve impregnado de símbolos e de mitos. Temas que fossem contra o Estado deveriam ser deixados de lado, surgindo em 1939 o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) um aparelho de controle das produções, que controlava por meio da censura os meios de comunicação.

Das diversas fases que o cinema nacional passou e das dificuldades e censuras a ele imposto, manteve-se o interesse por sua utilização como ferramenta didática. Cada vez mais tendo a preocupação com os caminhos metodológicos escolhidos pelo professor ao tratar determinado tema ou como coloca Mocellin:

É a educação para os meios de comunicação, com a finalidade do letramento midiático, que permitirá ao aluno ir além dos conteúdos manifestos, fazer uma "análise do discurso" daquilo que é apresentado: ser letrado para as mídias significa ter habilidade de entender tanto as potencialidades quanto as limitações de cada meio, de captar nos discursos o que é dito, como é dito, de distinguir "realidade" de "construções", descortinando ideologias explícitas ou implícitas. (MOCELLIN, 2009, p. 37)



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Dentro desta análise é possível ver como o trabalho com o cinema e os filmes sobre África serve de material para amplo debate de nossa sociedade, não só a sociedade do período em que determinado filme foi lançado, como também da sociedade contemporânea que ainda se vê impregnada por racismo e intolerâncias. Entender o uso do cinema e os discursos contidos nas obras nos ajuda na montagem das aulas, na escolha dos filmes e proporciona a abertura ao debate e à crítica.

3 O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA

Utilizar o cinema como objeto de análise da história está cada vez mais em evidência no meio acadêmico, não só em publicações, mas em congressos e simpósios de história, educação, psicologia, etc. Existe uma discussão sobre o mesmo, principalmente quando se trata de analisar acontecimentos recentes da história. Como é observado por Michèle Lagny:

A utilização do filme pelo historiador, por longo tempo inconcebível e em seguida admitido formalmente, parece constituir doravante o objeto de uma tendência cujo sucesso é crescente, visto que mais do que nunca, todos, cineastas na frente, mas também sociólogos, etnólogos, filósofos e historiadores, afirmam a estreita relação entre o cinema e a história (LAGNY, 2009, p. 99).

O cinema em sua relação com a história, educação, psicologia e demais áreas do conhecimento pode trazer informações substanciais sobre a validade e a eficácia das diversas formas de narrativas, sobre o lugar da ficção e da reconstituição na investigação da verdade. Neste sentido, essa relação faz uso da capacidade que o cinema tem de capturar detalhes, indícios sobre o mundo, as lutas da vida diária, lutas sociais e políticas que se expressam no cinema, o que se pretende ao trazer para discussão a apresentação da África no cinema, que com certeza trará as questões culturais da época em que os filmes foram produzidos, mas acima de tudo abre discussão sobre a nossa sociedade, possibilitando o debate sobre o racismo, a intolerância religiosa e a formação cultural do povo brasileiro.

Não há como contestar, nos dias de hoje, que os meios de comunicação ganharam força e estão, cada vez mais, tomando espaço na vida das pessoas que, por sua vez, estão contando a história, muitas vezes em uma versão extremamente perigosa, como podemos ver nos debates políticos recentes. Sendo assim, o cinema e a televisão e hoje em dia podemos incluir a internet e o fenômeno das redes sociais “se tornaram, [...] o principal meio para



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

transmitir as histórias que nossa cultura conta para si mesma – quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais, ficcionais ou uma combinação das duas coisas” (ROSENSTONE, 2010, p. 19).

O cinema trabalha com as imagens e ao mesmo tempo com sons, não só com canções que marcaram época, mas também sons responsáveis por criarem sensações “[...] o valor estético do binômio imagem-som, o faz dizer, às vezes, mais do que aquilo que mostra imediatamente” (LAGNY, 2009, p. 99), revelando sentimentos, angústias, expectativas, dentro da concepção e da criação do cineasta.

Dentro deste binômio as imagens acabam criando memórias e estas acabam sendo fixadas pelo cinema dentro de uma estética que marca e que faz lembrar, como deseja o cineasta, sempre dentro de seu estilo é o trabalho com a imagem e som para criar significado. Com relação à essa criação colocamos aqui a discussão de como podemos debater a imagem da África no cinema, quais os estereótipos construídos e, com a relação à religião, a ideia da feitiçaria, do místico que pesam como pejorativos e que se perpetuaram no senso comum, da pobreza, do atraso, entre outros. O que se pretende ao usar o cinema como base é despertar no aluno o debate, a análise e a interpretação dos filmes⁵.

Nesse sentido, o professor pode além de educar o olhar, para que os alunos possam trabalhar com as imagens, os sons e os gêneros fílmicos como adentrar nesse universo cinematográfico, não só como um campo de pesquisa, no nosso caso pesquisa histórica, mas também no campo da produção e para tanto é necessário "Esclarecer o jovem espectador sobre as principais etapas inerentes à realização de um filme faz parte da educação do olhar, especialmente para aqueles que estão iniciando o desenvolvimento de sua cultura cinematográfica." (FERREIRA, 2018, p. 69). Essa educação do olhar deve ser não só do aluno, mas também do professor que deseja trabalhar com o cinema.

⁵ Filmografia: Kiriku e a feiticeira - Cult Filmes - (*Kirikou et la Socière*). França / Bélgica / Luxemburgo, 1998. Direção: Michel Ocelot. 71 min. Desenho animado.

Kiriku - Os Animais Selvagens - Les Armateurs, Jet Media, Armada - (*Kirikou et les bêtes sauvages*) - França, 2005. Direção: Bénédicte Galup, Michel Ocelot . 75 min. Desenho animado.

Zarafa - Prima Linea Productions - França / Bélgica, 2012. Direção: Rémi Bezançon, Jean-Christophe Lie. 78min. Desenho animado.

Kiruku, os homens e as mulheres - StudioCanal / Les Armateurs / Mac Guff /France 3 Cinéma / Studio O. (*Kirikou et les hommes et les femmes*). França. 2012 Direção: Michel Ocelot. 88 min. Desenho animado.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

4 A ANÁLISE HISTÓRICA DOS FILMES: como fazer?

Marc Ferro (1992) aponta em sua obra *Cinema e história* coordenadas de pesquisa para analisar alguns filmes. Inicialmente ele entende o cinema como agente da história, pois o mesmo surge como um instrumento científico, *a priori* ele seria destinado à pesquisa científica e acaba mudando, deixa de lado seu objetivo inicial e toma outros rumos, inserindo-se em outras áreas.

É fato que durante o século XX, muitos cineastas buscaram a autonomia de seus trabalhos, tentando manter, como coloca Marc Ferro “[...] uma independência diante das correntes ideológicas dominantes, criando e propondo uma visão de mundo inédita, própria de cada um deles, o que vigorosamente suscita uma tomada de consciência [...]” (FERRO, 1992, p. 14).

Mas isso não se deu sem oposição ou censura, sem rejeição a esses trabalhos por determinados grupos, o que se viu foi uma tentativa de tomada de fala por parte das instituições que queriam tomar para si o direito de falar pelos demais membros da sociedade. O que dá total nitidez da força que o cinema adquiriu e como passou a ser um veículo utilizado para expor ideias e interpretações.

Neste contexto, cabe ressaltar como o cinema foi utilizado durante o século XX e como foi sua relação com a política, com o poder, ou seja, seu uso se deu como veículo de propaganda, propaganda de Estado.

Compreender a linguagem utilizada é importante, pois a mesma traz com ela vários significados, assim como todas as técnicas utilizadas pelo cineasta para trabalhar a noção de tempo que é colocado durante as cenas, a música, as tomadas, à forma como a câmera está posicionada, tudo é montado para ter um significado, para dar uma forma à mensagem que se pretende passar.

São essas várias combinações que compõem um filme, que fazem parte dessa linguagem cinematográfica e que devem ser analisadas sempre que se trabalha com o cinema, porque tais mensagens estão dentro de um determinado tempo, fazem parte de um contexto no qual “A questão do interesse do cinema como testemunho do mundo contemporâneo torna-se crucial” (LAGNY, 2009, p. 101), colocando em evidência o potencial do cinema.



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Um ponto que para a história deve ser material de pesquisa e debate é a leitura histórica do filme, um eixo para ser seguido por quem se interroga sobre a relação entre cinema e história parafraseando Marc Ferro (1992), pois a leitura do passado surge com a leitura cinematográfica da história, questionando qual seria a interação que se pode fazer entre o cinema, a história e o passado. Ou mesmo entre o cinema e a história contemporânea, partindo de uma leitura cinematográfica dos fatos e dos acontecimentos do cotidiano.

Dialogar com essas imagens é verificar que em muitos casos as imagens têm mais a falar do presente, ou seja, a leitura histórica e social do filme repercute a ideologia dos próprios cineastas, dos grupos que produzem os filmes.

Busca-se questionar, portanto, os filmes seus discursos e suas mensagens. Cabe ao historiador trabalhar em busca dessas informações, compreender um pouco mais sobre quem fala, que grupo está atuando nessa fala, conhecer os estilos, confrontar informações, buscar conhecer não só o grupo, mas a história desse grupo, no caso aqui os cineastas, quais ideais eles representam. Não é um trabalho simples, requer muita pesquisa, pois não se fica preso só aos fatos, não se trabalha só com dados históricos, mas também se trabalha com um contexto histórico-social, onde inúmeros atores sociais estão presentes.

É dentro desta lógica que a pesquisa será feita tentando compreender o momento histórico de cada filme, os grupos dos quais os cineastas fazem parte, suas aspirações, a própria história do cinema, seus momentos e, principalmente os discursos contidos nos filmes, cada qual tendo por base uma construção histórica. No caso deste estudo a construção de personagens africanos e da própria África e sua formação dentro do imaginário gestado sobre a região.

5 CONCLUSÃO

Aprendemos com os *Annales* que a história é feita a partir do presente, como ressalta Durval Muniz "O passado não possui verdades fechadas, mas está sujeito a permanente reelaboração de sua inteligibilidade a partir de questões que lhe são formuladas a partir das preocupações, das condições históricas do presente em que é interrogado, estudado e ensinado".(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 30) O que nos faz repensar o uso do cinema em sala de aula para elaboração da disciplina história em uma turma do Ensino fundamental -



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

anos iniciais o que aumenta o desafio, pois a produção fílmica para essa faixa etária não é extensa. Contudo o desafio nos faz pensar que o momento em que vivemos dita a urgência em se trabalhar mais a história da África, ou melhor, colocar efetivamente em prática a Lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08 ⁶.

É nesse universo infantil interligando a narrativa histórica e cinematográfica evocando memórias literárias sobre a África, trabalhando imagens e debatendo o porquê desse estudo é que pretendemos criar um ambiente de respeito às diferenças, um ambiente de tolerância e valorização da história, não só a coletiva, mas a individual. Partindo da premissa que:

O ensino de história, nos anos iniciais da formação de qualquer pessoa, tem também essa função do aprendizado da arte de contar, da arte de narrar. Além disso, pode-se aprender com a história a produzir beleza com a narrativa, a criar deleite e prazer estético com o uso das palavras e do passado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 38)

Seguindo o pensamento elaborado por Durval Muniz é possível perceber que o cinema nos dá inúmeras possibilidades de narrativas, pois ele é capaz de abrir espaço para a atuação e pesquisa, não só do professor como também do aluno, possibilitando a criação de novas narrativas e quem sabe, de novos roteiros advindos desse tempo presente, despertando o interesse por produzir, por criar e adentrar nesse universo estético, mágico e de inúmeras possibilidades.

Tendo como base a análise fílmica, através da mediação do professor, os alunos tendem a trazer diversos questionamentos e a demonstrar o nível de compreensão que cada um já possui, alguns mais atentos as imagens e no caso da África, tanto os filmes de animação quanto o biográfico, essas imagens tocam em dois aspectos já pré - definidos no imaginário coletivo: a natureza (vegetação, os animais) e o aspecto econômico (a pobreza), outros alunos tendem a dar atenção maior ao diálogo, aos sons e aos diversos temas que envolvem toda a ação fílmica e é nesse entrosamento que se dá o trabalho do professor junto aos alunos. Creio que aqui cabe ressaltar a questão de entrosamento e análise a partir da narrativa cinematográfica no que diz respeito a ação, ou seja, a compreensão da história ali presente e dentro dessa busca pela compreensão é que se amplia a utilização dos filmes em sala de aula,

⁶ Ambas estão disponíveis no endereço: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/> Acesso em: 13 agos. 2018.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

pois ser capaz de compreender a tradição cultural é entrar em contato com a história e produzir novas narrativas.

ABSTRACT

The present article aims to study the role of the history teacher of her classroom as a teacher and researcher, starting from the generations of historiographical sources. Thus, present a series of works in the classroom, in a search for understanding and analysis of components of historical narratives and cinematographic narratives, based on animated films about Africa. The films were presented to students of the 3rd year of elementary school in the literacy cycle. Among the topics researched are: the role of narrative, the role of subjectivity of writing and the application of current legislation on the teaching of African history. The evaluation document for historians. Thus, the relationship between cinema and history precedes a search for interpretation of narratives, which is as a temporality, that is, an influence present in the writing of both narrative and cinematography. The study does not leave aside the role of the history teacher and her work with the films in the classroom, and the search for a focus on the choice of a cinematographic work and the trajectory of the educational cinema in Brazil and the influence of the cinema not about the theme of the web site story in the word of the lesson. Because it is a study that brings with it the debate about cinema and its relationship with history and the future for a children's audience as a study discipline in the collaborative legislation for such technologies and debates to be inserted in the school context, as well as the search for new fields of research.

Keywords: Teacher. Movie theater. Africa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “*Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?*” In: GONÇALVES, Marcia; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MONTEIRO, Ana Maria (org). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.* In: **Teoria e Educação**, nº 2. Porto Alegre: Pannonica, 1990. p. 177-229.

ESTEBAN, Maria Teresa. ZACCUR, Edwiges (org). **Professora - pesquisadora: uma práxis em construção.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, câmera e história!: práticas de ensino com o cinema.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

LAGNY, Michèle. *O cinema como fonte de história*. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Org). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 99-126.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema Brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Editora Brasil, 2009.

NÓVOA, António et al. **Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com Antonio Nóvoa**. *Educação & realidade*, v. 36, n. 2. Porto Alegre – RS, maio/ago 2011. p. 533-543. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/21170>.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge (Org). **A História vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.